

TECITURA EPISTOLAR: LEITURA E CONFISSÕES DE AMOR

Mariza de Oliveira Pinheiro¹
Maria Arisnete Câmara de Morais²
UFRN

Os leitores são viajantes; circulam nas terras alheias, nômades caçando por conta própria através dos campos que não escreveram. (Certeau, *A invenção do cotidiano*, v.1)

Abordar a leitura é, portanto, considerar conjuntamente, a irredutível liberdade dos leitores e os condicionantes que pretendem refreá-la. (Roger Chartier, *A história cultural: entre práticas e representações*)

1. Introdução

A intenção deste artigo é analisar as epístolas trocadas entre a professora Anayde Beiriz e o estudante de Medicina Heriberto Paiva. Ela, residente na provinciana cidade da Parahyba do Norte. Ele, na efervescente cidade do Rio de Janeiro, no período de agosto de 1924 a setembro de 1926, em plena *Belle Époque*. Apresenta-se como uma leitura da representação do mundo social, das relações de gênero, dos conflitos, dos sentimentos, dos lugares e tempos circunscritos na escrita epistolar. O *corpus* documental utilizado para a análise, está publicado no livro, *Anayde Beiriz: a panthera dos olhos dormentes*, de autoria do médico e escritor Marcus Aranha (2005). Constituem-se, em sessenta missivas intercaladas conforme a natural efetivação da correspondência, contendo trinta cartas de cada um, um telegrama, dois retratos enviados por ele e três postais enviados por ela; depoimentos e poesias de contemporâneos além de análises de alguns jornais da época fornecidos pelos familiares. As epístolas, de forma manuscrita foram compiladas pelo próprio punho da professora, para um caderno, uma espécie de diário, com o título, “*Cartas do meu grande amor*”. Em seu conteúdo relatam uma intensa história de amor, um romanesco mosaico, de inspiração shakespeariano. O encantamento, que acompanha os tempos, também inebriada na utopia tão desejada e conclamada pelos poetas, a cristalização do eterno e sublime amor. Nesse caso de Anayde Beiriz e Heriberto Paiva o amor se expressa através de epístolas.

As missivas podem constituir-se em fonte de pesquisa com interesses histórico, literário, institucional ou documental. Desde a Antiguidade o processo epistolar está presente na história da humanidade. Como as de Horácio, Ovídio, dos filósofos, das escrituras, Epicuro, Petrarca, na lírica dos trovadores. No Renascimento, até chegar à literatura como gênero literário da epistolografia, nas cartas de amor proibido de Abelardo e Heloisa, em Emma de Flaubert, nas trágicas de Shakespeare e as do jovem Werther em Goethe. Enfim, “uma carta sempre foi objeto de respeito, quase diria: um objeto sagrado... ela sempre foi acompanhada de um mistério quase religioso”

¹ Mestranda - Programa de Pós-Graduação em Educação/ Universidade Federal do Rio Grande do Norte. Professora Especialista em Educação Básica na Universidade Federal da Paraíba. A pesquisa tem apoio PICDT da Capes. Está vinculada na Base de pesquisa Gênero e Práticas Culturais: abordagens históricas, educativas e literárias. E-mail: mariza_pinheirp@yahoo.com.br.

² Professora - Dep. de Educação e da Pós-Graduação em Educação na Universidade Federal do Rio Grande do Norte. Pesquisadora CNPq. Doutora em Educação - UNICAMP/SP. Pós-doutora - Ecole des Hautes Etudes em Sciences Sociales/ Paris. Coordenadora da Base de pesquisa Gênero e Práticas culturais: abordagens históricas, educativas e literárias. E-mail: arisnete@terra.com.br.

(SANTOS, 1994, p. 23). Nessa perspectiva epistolar, para desenvolvemos esse estudo, nos guiamos pelas categorias, gênero, família e amor, por estarem intrinsecamente relacionadas com a história da educação da mulher, nosso objeto de estudo. Buscamos com Perrot (2005), Camargo (2002), Souza (2002), Moraes (2003) e Santos (1994), os caminhos para a leitura desse diálogo epistolar, os silêncios, os interlocutores, nas confidências o sentido das palavras das entrelinhas, do não dito explicitamente. Para alguns a “futilidade”, ou a “insignificância”, para outros, o “fascínio”, a “tentação” de escrever sobre vidas, que tecem o cotidiano, que nos envolvem e seduz.

2. Os missivistas

A professora e o estudante conheceram-se no ano de 1924. Ela, de origem modesta filha de um funcionário do jornal *A União*, de tez morena, olhos escuros e cabelos negros. Ele, filho da alta burguesia paraibana, branco, louro e de olhos azuis. Alheios às diferenças sociais começaram o namoro intenso e proibido.

Ela, Anayde Beiriz (1905–1930), o ícone da mulher ousada, determinada, apaixonada. Professora, poeta, ensaísta, musa do modernismo paraibano. Imortalizada na arte e na literatura³. Seus traços biográficos podem ser conferidos em Joffily (1979 e 1980); Odilon (1984); Aranha (2005); Schumacher (2000); Melo (2002); e Pimentel (2002). Nasceu no dia 18 de fevereiro de 1905, na província da Parahyba do Norte, atual João Pessoa. Seu pai, José da Costa Beiriz, trabalhou como tipógrafo do jornal *A União* e sua mãe, Maria Augusta de Azevedo, de personalidade da mulher sertaneja, era a autoridade do lar⁴. Destacou-se como uma mulher emancipada para os costumes de sua época ao expressar sua sensibilidade poética nos idos de 1920. Precursora de novas modas, ao usar decotes, corte de cabelo à *la garçone*, lábios pintados de vermelho, fumar, andar desacompanhada na rua e viver a paixão em sua plenitude (MELO, 2002). Depois do romance com Heriberto, Anayde viveu um tórrido relacionamento com o advogado João Dantas, opositor político e assassino do presidente João Pessoa⁵, que a perpetuou na história local. Anayde encontra-se na dicotomia: coadjuvante/pivô. “Coadjuvante” para alguns defensores da Aliança Liberal e perpetuadores da versão do Nego nas eleições políticas de 1930. Ou, o “pivô”, no folhetim que causou o estopim da Revolução para os defensores do perrepsismo e do movimento de mulheres⁶. Suicidou-se sob pressão moral e política em 22 de outubro de 1930.

Ele, Heriberto Paiva, nascido em (1906–1978), um dedicado estudante de medicina, mantido financeiramente pela família. Sócio e freqüentador do Clube Guanabara, um dos mais luxuosos da capital republicana. Depois de um ano e meio do fim do relacionamento, em 27 de outubro de 1927, já formado, ingressou como médico no Corpo de Saúde da

³ Ver o filme *Parahyba, Mulher Macho*, dirigido por Tizuka Yamasaki, com Tânia Alves, interpretando Anayde e Cláudio Marzo, João Dantas. A película gerou polêmicas por ser considerada preconceituosa. A família de Anayde abriu processo contra Tizuka. Ver o Jornal *Correio*, caderno de Cultura e Lazer de 22 de outubro de 1992. A peça *Anayde*, apresentada pelo grupo GT Bigorna, dirigida por Fernando Teixeira e texto de Paulo Vieira, também ocasionou polêmicas.

⁴ Morou na Rua Santo Elias entre os anos de 1928 e 1930, a casa está tombada pelo IHGP desde 2002.

⁵ João Pessoa foi candidato à vice-presidência do país na chapa de Getúlio Vargas rompendo com a política do chamado “café com leite” entre São Paulo e Minas Gerais.

⁶ Ver nas referências PINHEIRO, 2007.

Armada como Primeiro-Tenente da Marinha Brasileira. Em 16 de maio de 1960, foi transferido para a Reserva como Almirante de Esquadra. Seu nome, atualmente, está perpetuado numa Rua do Bairro de Taquara, no Rio de Janeiro⁷. (ARANHA, 2005)

3. Os lugares e tempos circunscritos nas epístolas

A metrópole do Rio de Janeiro e a provinciana cidade da Parahyba do Norte foram os cenários onde desenrolou o amor proibido, os conflitos e os desejos, contidos no folhetim epistolográfico protagonizados por Anayde Beiriz e Heriberto Paiva. Esses dois contextos incorporavam perspectivas de pessoas e de gerações sociais diferentes, que viviam e percebiam os processos de mudanças a partir de visões distintas e contraditórias. Heriberto, apesar de viver na metrópole, não assimilava e não absorvia os tempos modernos, seu pensamento ainda enraizado dos conceitos patriarcalistas e provincianos, comuns aos homens abastados e conservadores da época. Enquanto Anayde, mesmo vivendo na província, ao contrário, seduzia-se pela revolução dos costumes da *Belle Époque*.

O Rio de Janeiro exercia o papel de metrópole-modelo, sede do governo federal, centro cultural, pólo de atração internacional. Impulsionada pelo progresso tornou-se palco de visibilidade em todo o território brasileiro. A cidade ditou modas e novas regras de comportamentos, que articularam a modernidade as complexas experiências de transformações dos hábitos e da cultura⁸. As mulheres de acordo com Teles (2003), deram uma contribuição importante para a efetivação da emancipação feminina como a luta pela conquista do voto feminino, a instrução feminina, a proteção às mães, a infância e garantias para o trabalho feminino. No nordeste, conforme dados informados pelas sócias do IHGP, Rosilda Cartaxo (1995) e Balila Palmeira (1995), a primeira mulher que tomou posse na instituição foi a médica, historiadora e escritora Eudésia Vieira⁹, no ano de 1922. A primeira escola para o sexo feminino foi criada no ano de 1824, em Areia, dirigida pela professora D. Ana Umbelina Cavalcante Chaves, destinada às prendas domésticas e a preparação para o casamento. A idéia de novos tempos e de emancipação feminina se sedimentava em muitos seguimentos que se expandiam pelo país num sôfrego da europeização e de modernização vindos do Rio de Janeiro, a capital cultural do Brasil. Logo depois eclodindo em São Paulo com a Semana de Arte Moderna (NOVAIS & SEVCENKO, 2001).

A influência da conjuntura de entusiasmo nacionalista do movimento vanguardista na Parahyba do Norte foi representada pelo grupo dos *Novos*, da qual participava o carioca Amaryllo de Albuquerque, que vinha à cidade para organizar os saraus *littero-dançantes* na casa do médico José Maciel. Participavam das reuniões os intelectuais, Perilo D'Oliveira, Orris Barbosa, Eudes Barros, Silvino Olavo e Severino Alves Aires, Raul de Góes, Samuel Duarte, Demetrio Toledo. Anayde, freqüentadora e declamadora de poemas nos saraus era admirada pelo jornalista e poeta pernambucano, Austro Costa¹⁰ que também freqüentava e participava das reuniões do grupo. A significativa

⁷ As informações acerca de Heriberto são escassas, os dados podem ser vistos em Aranha (2005, p. 26).

⁸ Ver Nicolau Sevcenko. *A capital irradiante: técnica, ritmos e ritos do Rio*. Vide NOVAIS (1998, p. 513).

⁹ Autora dos livros: *Terra dos Tabajaras* e *Cerne Contorcido*, este de poesias.

¹⁰ Austro Costa (1899-1953), integrante do movimento modernista pernambucano, publicou em 1922 o livro *Mulheres e rosas* e mantinha uma coluna diária no *Diário da Tarde*.

urbanização na província paraibana também é registrada na imprensa local que exerceu papel de destaque neste cenário moderno. Evidenciam-se: *A União, A Imprensa, O Norte, O Correio da Manhã*, que além de noticiarem o sucesso da burguesia e as críticas dos deslizes dos governantes serviram de espaço para as vozes das mulheres, antes caladas e oprimidas.

A mulher, mal remunerada nos seus esforços, mal compreendida nas suas aspirações, mal satisfeita nos seus afetos, foi perdendo aquela docilidade e timidez de caráter. [...] foi procurando se libertar do domínio do homem, a quem ambicionava não como senhor, mas como amigo e companheiro [...]. E uma noite de lágrimas sufocadas teve como aurora uma coesão de sentimentos revoltados que recebeu o estratégico nome de feminismo (EUDÉSIA VIEIRA¹¹ apud ARAÚJO, 1995, p. 78).

Sob essas influências, Anayde, também adepta das letras e motivada pela abertura às mulheres na imprensa passou a defender publicamente a emancipação feminina e publicou alguns contos e poesias em alguns periódicos. Foi colaboradora das revistas, *Belém Nova* (Pará), *A Pilhéria e Revista da Cidade* (Pernambuco), *Era Nova*, *O Jornal* e *Revista da Semana* (Paraíba), identificadas com o movimento modernista. Os efeitos da atmosfera cosmopolita repercutiam na cidade paraibana e disseminava o desprezo ao passado, o desejo de soltar-se das amarras dos modos provincianos, incutindo o sonho de uma sociedade moderna. Segundo Maluf e Mott (2001), as mulheres estimuladas pelos ares da urbanização, reivindicavam a igualdade de formação para ambos os sexos e foram transmissoras de ideologia através dos diversos periódicos destinados ao público feminino que surgiram na década de 1920, as publicações eram ricamente ornadas com vinhetas e ilustrações. Moraes (2002, p. 69) registra a participação das mulheres na imprensa feminina desde o século XIX, como espaço de conscientização da condição da mulher, utilizados inicialmente como tática para que fossem disseminadas sutilmente as reivindicações femininas. Dentre os periódicos estão: *O Belo Sexo* (1862); *Biblioteca das senhoras* (1874); *O Bisbilhoteiro* (1862); *Eco das damas* (1879); *Recreio do belo sexo* (1856), e tantos outros. Enfim, o ar do descontentamento social, contra o tradicional sistema oligárquico dominante, germinou um espírito de novos tempos e a consciência de uma nova mulher. Envolvidas neste sentimento moderno as novas mulheres deixavam o lugar do privado para trás e exigiam a participação em novos espaços para a efetivação da emancipação feminina.

4. As relações de gênero, a família e as confissões de amor

Quando se fala em relações de gênero, entende-se nesse conceito, o significado das diferenças sexuais, incutidas do caráter social, cultural e histórico. Trata-se dos papéis designados para homens e mulheres em diversas culturas, pois um gênero só pode ser compreendido se comparado com o outro. Na história mundial social, os papéis masculinos e femininos sofreram conflitos e mudanças. No início do século XX, a interação entre homens e mulheres reorganizou-se com o avanço da profissionalização das

¹¹ Professora, médica e jornalista, foi a primeira a ingressar no IHGP, publicou a obra *Pontos de História do Brasil*, adotado como livro didático no estado em 1922, ver Pinheiro (2002).

mulheres. Elas mobilizaram-se inspiradas nos ares ocidentais em inúmeros espaços e reivindicaram direitos específicos e liberdade. De acordo com Stearns (2007), os valores de gênero são profundamente pessoais, partem da identidade individual e social. Portanto, as pessoas podem ser particularmente relutantes em substituir padrões que definem suas feminilidade ou masculinidade, mesmo quando pressionadas pela sociedade dominante. Nessa mentalidade, Anayde Beiriz resistiu às normas estabelecidas pela sociedade paraibana. Expressou sua defesa e luta pela liberdade absoluta às mulheres sem preocupar-se com os preconceitos e julgamentos morais. Mesmo sem autorização familiar, deu continuidade a sua relação com Heriberto, um ano mais novo. Entretanto:

As diferenças entre os dois eram marcantes. Ele, branco, louro e de olhos azuis; ela, de tez morena, olhos escuros e cabelos negros. Ele, filho de abastardo comerciante e ela de um tipógrafo funcionário do jornal oficial do governo. (ARANHA, 2005, p. 21).

Desse modo, as relações entre Anayde e Heriberto principiaram-se, com as contradições de classes sociais que os diferenciavam. Ele, estudante na escola de medicina carioca, adquiria o mais alto nível de ensino, destinado à elite brasileira. O Rio de Janeiro concentrava o foco da cultura européia e, a escola de medicina, era o local dos mais brilhantes clínicos e cirurgiões. Conforme Azevedo (1996, p. 295) os bacharéis de direito e os “doutores, foram os que, adquiriram na hierarquia interprofissional, maior autoridade e prestígio”. Ela, marginalizada na profissão do magistério primário, que além de oferecer o mínimo em matéria de instrução, a baixa remuneração não atendia as necessidades concretas de independência financeira, escondida no aparente *status*. Anayde situava-se, num plano econômico inferior ao dele, afetada pela estratificação social, diferenciada por um *status* social, que orientam o comportamento humano de maneira padronizada, dentro dos grupos ou classes. Essas interdependências de sentidos moral, social e político, de grande importância no mundo moderno, foram amplamente defendidos pelo liberalismo clássico religioso, que pensavam apenas em tornar a mulher apta para exercer o papel de mãe e esposa. Essa preparação disciplinar era obrigatória na educação das mulheres com os trabalhos de agulha e as prendas domésticas. Apesar dos inúmeros avanços na carreira feminina, a limitação de suas ações ainda era premente na época. O próprio plano positivista de instrução feminina tinha sua visão nas diferenças dos sexos e nos papéis sociais que deveriam desempenhar cada um. Saffioti (1979) enfatiza que, nesta corrente de pensamento, a cada superioridade afetiva da mulher correspondia a uma superioridade de caráter do homem. A preeminência moral e social da mulher constituía-se nos pilares da sua instrução. Chinoy (1967) esclarece que, a organização em larga escala e os regimes totalitários ameaçavam impiedosamente subordinar o indivíduo a propósitos de grupos e a lhe controlar e manipular as atividades, as crenças e atitudes diárias, e até a concepção de si mesmo. Nessa “arena” social se apresentam alguns problemas da igualdade e desigualdade, a qual os papéis dos gêneros humanos estão inseridos. Porém, dentro da sociedade existem os padrões desviantes de suas normas. Esses comportamentos originam-se, nas necessidades insatisfeitas, nos impulsos incontrolláveis ou nos problemas emocionais. Como é o caso dos missivistas analisados. Impulsionados pela

paixão ignoraram a posição econômica, os valores e as tradições culturais enfrentando inicialmente os desafios.

Acredito no que disseste e por isso te peço perdão. Infelizmente estou sob o jogo de minha minoridade e nada me adiantaria a discordância familiar. O que nos resta é amarmo-nos por correspondência, sigilo absoluto, até um dia cessar esta inimizade descabida dos meus. Farei todo o possível para ahi não ir no fim do anno; para que não venham à termo, novas rixas. É doloroso. (HERY, Rio, 20 de Agosto de 1924 apud ARANHA, idem, p. 45)¹².

Hoje mais do que nunca precisamos ser fortes. A luta não nos deve abater, mas devemos evitar que ella se torne necessária. Basta que nos estimemos arrebatados nesse affecto que não finda; mas, vivendo sós para nós a vida desse amor suave que nos encanta e nos tortura. É mister não expô-lo, para felicidade de nós ambos, aos olhos da turba indifferente e má. Sei que me amas, sabes que eu te amo: é o quanto nos basta. Não nos devemos esquecer que ninguém poderia compreender-nos nesse idealismo que nos une arrebatadamente. (ANAYDE, Parahyba, 12 de Julho de 1925 apud ARANHA, idem, p. 51).

Anayde apaixonada renuncia a si própria. Mesmo, enfrentando os desafios do amor secreto e proibido, que representavam sua transgressão moral e social, não percebia o peso desigual para o lado feminino, que suas atitudes ocasionavam. Obedecia docilmente, o ditame da covardia masculina. Serena, compreensiva e esperançosa no tempo. Deixava-se seduzir ingenuamente. Sua mentalidade expressava o conformismo natural dos valores perpetuados pela instituição educacional feminina. Onde, as mulheres eram instruídas para manterem a posição de dependência e inferioridade perante o marido. Como “boas” companheiras, esposas “virtuosas”, bondosas e complacentes, preparavam-se para satisfazerem o desejo do homem, seu legal “proprietário”, pós-casamento. Assim, desejava e pensava seu noivo sobre Anayde:

Tu, a esposa ideal, amante do teu lar, fiel ao teu companheiro, para o qual sempre terás um beijo, uma carícia e, ainda, a mãe carinhosa. Porque já te disse uma vez, pretendo, ou melhor, pretendemos, desejamos possuir dois filhinhos. Ruth e Fernando, que hão de ser o nosso encanto, os frutos de todo o nosso affecto. (Hery, Rio 31 de Julho de 1925 apud ARANHA, idem, p. 63).

A imagem do casamento e da constituição familiar para Heriberto expressava claramente as regras do Código Civil de 1916. Tempo em que a mulher ainda era considerada incapaz, dependente e inferior perante o marido. “A ela cabia a identidade doméstica; a ele, a pública”. A mulher-serva, fechada, exclusiva para servir ao seu “senhor”; o homem-administrador, o único provedor, autorizado a legitima violência contra os arroubos femininos. As regras do lar atribuíam “a homens e mulheres papéis que a encíclica *Rerum Novarum* enfatizava em 1891” (PRIORE, 2006, p. 248). A família segundo os

¹² Utilizamos à linguagem apresentada na publicação.

conceitos sociológicos, conforme Chinoy (1976, p. 203), é a unidade social básica na sociedade. Os elementos centrais familiar são: o casamento e a paternidade. “Tão intimamente ligados estão o matrimônio e a paternidade que o primeiro, às vezes, só se considera consumado quando nasce uma criança”.

Diz Michelet (1995), que, o dever é um princípio que habita o interior da alma feminina. A essência, da educação dos meninos é a organização de uma força eficaz e produtiva, ou seja, criar um criador. Já, a das meninas a harmonia, a poesia religiosa, para reerguer o homem, educar a criança e enobrecer a família. Educar a menina é educar a própria sociedade, pois está provem da família, cuja harmonia é a mulher. A essência feminina, diz ainda o autor, “realiza-se no interior do lar e sua natural missão é primeiramente amar; a segunda, amar apenas um; a terceira, amar sempre”. Esse amor, segundo Sartre (apud SCHOEFLIN, 2004) que faz o ser escravizar-se num amor contemplativo limitando sua própria liberdade é o ideal da aventura amorosa. Sobretudo é a abnegada liberdade alienada. Para o autor, o amor também é um conflito, considerando que o ser para o outro implica uma dupla negação interna, apesar da convicção do respeito mútuo. E, as relações não escapam da lógica da posse e da sujeição. Eis alguns pequenos trechos, onde se percebe esse amor-prisão:

Oh! Mulher divina! Que poder tens tu para escravizar-me? Por que a tua imagem não se apaga da minha lembrança? Que poder tens tu, para tornar a vida de um homem num constante sonho de amor? Não és humana, és mytho! (HERY, Rio, s.d. apud ARANHA, idem, p. 151)

Ah! Meu amor, você não calcula como essas coisas me revoltam! Às vezes chego a mal dizer o amor que te tenho esse amor que me condena ao silêncio, que me impede de gritar em brados de ódio a minha revolta, renunciando para sempre a ti... (ANAYDE, Parahyba, 25 de Fevereiro de 1926 apud ARANHA, idem, p. 110).

Mas, não me julgues por isto diferente das outras mulheres; há em todas nós o mesmo instinto, a mesma animalidade primitiva, desenfreada... [...] Não amamos num homem apenas a plástica ou o espírito; amamos o todo. Sim meu Hery, nós mulheres, não temos meio termo no amor; não amamos as linhas, as formas, o espírito ou essa alguma coisa de indefinível que arrasta vocês, homens, para um ente cuja posse é para vocês um sonho ou raia às lides do impossível. Não, meu Hery não é assim que as mulheres amam. Amam na plenitude do ser e nesse sentimento concentram por vezes todas as forças da sua individualidade physica ou moral. (ANAYDE, Parahyba, 04 de julho de 1926 apud ARANHA, 2005, p. 143)

Ambos dominados pelos incontrolláveis impulsos do amor-paixão, que entorpece a razão e arrasta os corpos ao imaginário (mesmo em espaços distantes) prazer do desejo. Mas também a ambos há um significado diferenciado desse sentimento. Para Hery, o amor narcisista, sedutor e conquistador, dominado não pela dolorida escravidão aparente, mas como uma chantagem emocional, que esconde a própria realidade da possuidora-ambição na liberdade da amada. Em Anayde, o inebriado amor, renúncia, abnegação,

que adormece a razão e o orgulho. O amor sacrifício que, através da humildade rebaixa-se, para engrandecer-se aos olhos do amado e que a torna prisioneira do ciúme e das vontades de Hery. Para ela, o que valia era o amor pleno physico e moral, o amor paciente. Entretanto, se não fosse também natural essa contradição humana, como o diz Sartre. Anayde estaria vinculada perpetuamente a esses princípios. Mas, no decorrer do relacionamento epistolar, ela mostra sua singular impetuosidade, sua ousadia e seu inconformismo contra a hipocrisia, a injúria, a injustiça e a castração da sua liberdade. Vejam alguns trechos:

Não me creias uma mulher romântica, piedosa, dessas que ama pacífica e sinceramente, mas sem intensidade e sem ardor, essas mulheres que sabem ser esposas, sabem ser mães, mas não sabem ser amantes. Talvez preferisses que eu fosse desse número e se eu o quisesse poderia parecer-te sempre assim, mas eu não desejo enganar-te. Se chegar algum dia a ser tua, encontrará em mim, a esposa, a mãe, a amiga, a irmã e, mais que isso, encontrará a amante, a mulher. Sei que não é bonito isso que te estou a dizer, mas a confiança que tenho em ti leva-me a falar-te deste modo. (ANAYDE, Parahyba, 29 de Setembro de 1925 apud ARANHA, idem, p. 72).

[...] eu possuo essa impetuosidade despreocupada e desinteressada dessa raça mestiça de que descende minha família paterna, também possuo, num grão tão alto como ninguém talvez suponha a altivez e o orgulho dessa raça de sertanejos a que pertence minha mãe. (ANAYDE, Parahyba, 31 de Janeiro de 1926 apud ARANHA, idem, p. 96)

Crêem elles que eu sou trágica, que gosto desse amor que queima, dessa paixão que devora, dessa febre amorosa que mata... (Anayde, Parahyba, 07 de março de 1926 apud ARANHA, idem, p. 116)

A impetuosidade e o orgulho de Anayde impuseram a Heriberto os limites de seu amor-posse. E, da rejeição familiar inicial aos ciúmes de Heriberto o relacionamento sofreu uma imediata desarmonia social e emocional no casal. O rompimento foi inevitável e a ambos ficaram as reminiscências doces e amargas. O favo adocicado do amor puro e ardente entregue a ele por Anayde. E, a ela, a amargues do desamparo violento e insano da incompreensão de Hery.

6. Breve conclusão

Nas 60 missivas trocadas, Anayde e Heriberto expressaram suas confissões de amor, transgressões morais, insatisfações sociais, desejos de constituição familiar. Percebeu-se na análise a subjunção e preconceitos à mulher, a constituição da formação social moldada culturalmente por valores, classes e normas diferenciados ao sexo masculino, que determinavam seus hábitos e costumes. A mulher, o recato, o esteio moral familiar, as preservadoras da tradição e perpetuadoras das regras religiosas. O homem, o mundo do trabalho, da política, o exercício da liberdade. E por fim, a promessa de Anayde para Hery: “Talvez algum dia você ouça *fallar* em mim; seja qual for

o caminho que eu seguir você fique certo de que é em busca do esquecimento: seja o do vício, seja o da morte...” (ANAYDE apud ARANHA, idem, p. 167). Anayde manteve-se fiel aos seus princípios. Amou muito, e com a mesma ou talvez maior intensidade, João Dantas. Amor que a perpetuou na História local, mas, ainda preconceituosamente mantêm-se silenciada na historiografia dos grandes feitos.

7. Referências

ARANHA, Marcus. *Anayde Beiriz: panthera dos olhos dormentes*, João Pessoa: Editora UNESP, 1998. (Prisma)

AZEVEDO, Fernando de. *A cultura brasileira*. Rio de Janeiro: UFRJ: Brasília: UNEB, 1996.

BACELLAR, Carlos. Fontes documentais: Uso e mau uso dos arquivos. In: PINSKY, Carla Bassanezi (org.) *et al. Fontes Históricas*. São Paulo: Contexto, 2005, p. 23 a 79.

CAMARGO, Maria Rosa Rodrigues Martins de. Cartas adolescentes. Uma leitura e modos de ser... In: MIGNOT, Ana Cristina Venâncio; BASTOS, Maria Helena Câmara; CUNHA, Maria Teresa (org.). *Refúgios do eu: educação, história, escrita autobiográfica*. Florianópolis: Mulheres, 2000.

CHINOY, Ely. *Sociedade: uma introdução à sociologia*. Introdução de Charles Page. Tradução de Octavio Mendes Cajado. Consultor da ed. brasileira: Manoel T. Berlinck. São Paulo: Editora Cultrix, 1967 (reimp., ed. 21, Ano 09).

CUNHA, Maria Teresa (org.). *Refúgios do eu: educação, história e escrita autobiográfica*. Florianópolis: Mulheres, 2000. 240 p.

JOFILLY, José. *Revolta e Revolução: cinquenta anos depois*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979.

_____. *Anayde Beiriz: paixão e morte na revolução de 30*. Rio de Janeiro: Companhia Brasileira de Artes Gráficas (CBAG), 1980.

MALUF, Marina & MOTT, Maria Lúcia. Recôndito do mundo feminino. In: NOVAIS, Fernando A. (cord.) & SEVCENKO, Nicolau (org.). *História da vida privada no Brasil. República: da Belle Époque à Era do rádio*. V. 3. São Paulo: Companhia das letras, 1998.

MELO Fernando. *João Dantas: uma biografia*, João Pessoa, 2002.

MICHELET, Jules. *A mulher*. Tradução Maria Ermantina Galvão G. Ferreira. São Paulo: Martins Fontes, 1995. (Clássicos)

MORAIS, Maria Arisnete Câmara de Moraes. *Isabel Gondim, uma nobre figura de mulher*. Natal/RN: Fundação Guimarães Duque, 2003. (Coleção Mossoroense, série: Educação e Educadores do Rio Grande do Norte, v. 1)

NOVAIS, Fernando A. (cord.) & SEVCENKO, Nicolau (org.). *História da vida privada no Brasil. República: da Belle Époque à Era do rádio*. V. 3. São Paulo: Companhia das letras, 1998.

ODILON, Marcus. *Pequeno dicionário de fatos e vultos da Paraíba*. João Pessoa - PB: Editora cátedra, 1984.

PERROT, Michelle. *Minha história das mulheres*. Tradução: Ângela M. S. Côrrea. São Paulo: Contexto, 2007.

_____. *As filhas de Karl Marx: cartas inéditas*. Cap. 2. In: As mulheres ou o silêncio da história. Tradução: Viviane ribeiro. Bauru, SP: EDUSC, 2005.

PIMENTEL, Altimar Alencar. *Cabedelo*. V. II. Cabedelo/PB: Prefeitura Municipal de Cabedelo/Secretaria de Educação, esporte e Cultura, 2002.

PINHEIRO, Mariza de Oliveira. *De normalista a ensaísta: uma história que se conta*. In: 18º EPENN - ENCONTRO DE PESQUISA EDUCACIONAL DO NORTE E NORDESTE. UFAL, 2007, Maceió, **Anais**, CD-ROM.

_____. *Caminhos da educação da mulher na trajetória da professora Anayde Beiriz (1905-1930)*. In: IV CONGRESSO BRASILEIRO DE HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO: A EDUCAÇÃO E SEUS SUJEITOS NA HISTÓRIA. Goiânia, Goiás: Editora da UCG, Editora Vieira, **Anais**, CD-ROM e impresso, 2006.

PRIORE, Mary Del. *História do amor no Brasil*. São Paulo: Contexto, 2006.

SAFFIOTI, Heleieth Iara Bongiovani. *A mulher na sociedade de classe: mito ou realidade*. Prefácio Antônio Cândido de Mello e Souza. 2 ed. Petrópolis: Vozes, 1979.

SANTOS, Newton Paulo Teixeira dos. *A carta e as cartas de Mário de Andrade*. Prefácio de Ester Kosovski. Rio de Janeiro – RJ: Diadorim Editora Ltda, 1994.

SCHUMAHER, Schuma & VITAL BRASIL, Érico. *Dicionário das mulheres do Brasil: de 1500 até a atualidade biográfica*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2000.

SCHOEPFLIN, Maurizio (ed.). *O amor segundo os filósofos*. Tradução: Antonio Angonese. Bauru, SP: EDUSC, 2004.

SOUZA, Eneida Maria de. Carta da amiga. In: DUARTE, Constância Lima; Assis, Eduardo; Bezerra, Kátia da Costa (org.). *Gênero e representação: teoria, história e crítica*. Belo Horizonte: Pós-Graduação em Letras: Estudos Literários, UFMG, 2002, p. 153-168 (Coleção Mulher & Literatura, v. 1)

STEARNS, Peter N. *História das relações de gênero*. Tradução: Mirna Pinsky. São Paulo: contexto, 2007.